



REDACÇÃO, RUA NOVA DO OUVIDOR N. 33, SOBRADO.

OS GEMEOS SIAMEZES



O Sr. Pompó do senado tambem quiz serrar o elo que os prende, mas qual ! Está mais couraçado que o *Independencia*.

## LIVROS E IMPRESSOS

*O Inundado*, por F. Moreira de Vasconcellos.

*A Escola* n. 15.

*Revista do Rio de Janeiro*, n. 14.

Este numero da *Revista* faz algumas observações ao *Mosquito* a respeito de uma noticia sobre o livro de Luiz Fiquier *Depois da morte, ou a vida futura*.

Vamos abrir um parenthesis nos assumptos fugitivos que geralmente nos occupam, e pôr-nos muito serio, para responder á *Revista* sobre uma duvida levantada, por ella, nos dominios da philosophia positiva.

Nós dissemos que, segundo essa philosophia, todos os problemas metaphysicos estavam adiados para uma época futura.

A *Revista* diz que não, e acrescenta :

" O que declara é que taes problemas, perante a sciencia, são inacessiveis, etc. "

Escapou-lhe apenas uma palavra. Devia dizer : o que declara é que taes problemas, perante a sciencia *de hoje*, são inacessiveis, etc.

So amanhã tivermos uma demonstração scientifica, sobre a formação dos mundos, depois de amanhã, uma theoria que satisfaça plenamente sobre a criação, a vida futura que, para muitos espiritos superiores, já não é um problema, ficará então resolvida para toda a gente.

A quem se deve isso! A' philosophia positiva, que, pondo de parte essa questão, com a qual durante muitos seculos se consumiram inutilmente as melhores intelligencias, guion o trabalho intellectual para a classificação das sciencias, para a observação experimental, e preparou um largo desenvolvimento dos conhecimentos humanos.

A philosophia positiva, declarando que esses problemas são inacessiveis á sciencia de hoje, não faz mais do que adiar-os para uma época remota, para quando as sciencias estiverem largamente desenvolvidas.

Cremos, entretanto, que tanto nós como a *Revista* estamos dizendo a mesma cousa... por diferentes palavras.

## ASSUMPTOS DA SEMANA

A lucta parlamentar, no Brazil, seria esplendida e gloriosa, se os representantes do povo fizessem uma ligeira modificação aos seus programmas e nos dessem em vez de infinitos discursos, a perder de vista, alguns actos á altura das suas nobres affirmações. Quizeramos que os Srs. deputados, na questão religiosa, por exemplo, peccassem contra o ultramontanismo, não só por palavras, mas por *pensamentos e obras*, na phrase dos livros de doutrina, condemnados pelo senso commum, e approvados por Luiz Veuillot, Pio & C., negociantes de reliquias, aguas e drogas embruteecedoras do povo, estabelecidos em Roma e com casas filiaes em quasi todas a cidades, villas e aldeias.

Quizeramos que dessa plejade de brilhantes oradores, convictos de que a questão religiosa exige uma immediata

solução, se formasse um grupo strenuo e valoroso, unido pela mesma crença, inspirado por um dever de patriotismo, sem distincções de partido, e que dirigisse a questão para o ponto scientifico aonde ella tem necessariamente de chegar : — a separação da Igreja e do Estado.

Tanto na camara dos Srs. deputados, como no senado, manifestam-se tendencias explicitas nesse sentido. Liberaes e conservadores tem fallado do mesmo modo, e, visto que é essa a questão mais importante que o Brazil tem tido, um mesmo principio poderia remir n'um só arraial os combatentes, que, em outras questões se tem encontrado em campos adversos.

Aos grupos que se formassem nas camaras, defendendo os direitos do Estado contra as invasões da Igreja, reunir-se-hia uma parte importante da imprensa, aquella que pela sua independencia tem prestigio entre o povo. Reunir-se-hiam tambem os espiritos esclarecidos que querem a liberdade para todos, para os catholicos como para os mahometanos. Esse brado civilizador encontraria um eco de profunda sympathia em todo o paiz, e para a conquista da liberdade de consciencia se-aggregariam todas as forças vivas, formando uma legião invencivel, a mais gloriosa das cruzadas, a que iria conquistar um santo sepulchro, aquelle aonde os espiritos retrogradados conservam, já meio asphixiada, a liberdade.

Porém, o caminho que seguirão as consas será outro. Em vez da decisão franca e decisiva veremos adoptado o systema das reconciliações abstrusas. Por que é que não começam, ao menos, dando uma prova cabal de que por esse systema se pôde chegar ao bom resultado, reconciliando, para a gente ver, — os gatos com os ratos!

JULIO VERIM.

## GALERIA THEATRAL

(*Supplemento á quarta serie*)

I  
MARIA ADELAIDE

Quando em Lisboa se concertava o theatro de D. Maria, a5 cavarem um alicerce, encontraram-n'a, servindo de ornamento ao tumulo de uma virgem.

Não trazia nem inscripção, nem attributos por onde se pudesse conhecer-lhe a significação.

Muito menos tinha nome de autor.

Era uma figura anonyma.

A principio julgaram-n'a de marmore.

Mas, com o andar dos tempos, foi amollecendo, e de macia que tornou-se houve quem chegasse a acreditar que ella era de carne e osso.

Hoje todos sabem que não é de osso, nem de carne.

E' feita de leite, eis o que é.

Mas de leite condensado.... é uma nata, é uma queijo.

E' um queijo, não só no fundo, como na fórma.

E até no sal que ella tem.

Redondinha como é, toda vestida de branco, é um queijo fresco de Minas;

Quando traja de amarello, fica um queijo londrino.

Se mette azul e branco, isso então é um requeijão soloio, como ha na praça da Figueira.

Mas, de branco ou de amarello, e sobretudo de azul e branco, é sempre um queijo, é de leite sempre.

E' a gente vê-la e lambor os beiços.

Tirada da excavação onde foram encontral-a, utilisaram-n'a no theatro.

Não era ingenua, nem lacaia, nem dama de comedia, nem galã; centro muito menos.

No emtanto era tudo: fazia os papcis de estatua.

E fazia-os bem, isso fazia.

Um dia foi dequi o Valle, e soprou-a.

O sópro delle foi o sópro de Pygmalião.

A Galathéa do theatro de D. Maria animou-se, e tres mezes depois era actriz no S. Pedro.

Hoje é o *alter ego* da actriz Ismenia.

Onde está uma a outra está; estão ambas uma na outra.

Se acaso alguém encontrar uma só, não sabe qual das duas é que encontra.

Parecem irmãs, parecem gêmeas.

Parecem mesmo duas gemmas de um óvo só.

Pelo menos, são dous ovos da mesma postura.

Por detraz principalmente podem passar por mãe e filha.

Unicamente a gente não sabe quem é a filha, quem é a mãe.

E isto mesmo de frente.

O que é plausivel, o que é de acreditar-se, é que uma sabio de dentro da outra.

Para prova, quando alguma estiver só, espieim para dentro que não de achar a que falta.

Tudo isto, pelo passado e pelo presente.

O futuro já está sabido:

A que morrer primeiro enterra-se na outra.

Uma será o tumulo, a outra a virgem.

E, se ambas morrerem ao mesmo tempo, então engolem-se uma a outra.

GRYPHUS.

## BASTIDORES

— Perdeu-se o caixão!

Este grito angustioso, sahido do theatro de S. Pedro, tem atravessado a cidade, com a rapidez das noticias más. Eduardo Garrido pegou no *Tour du monde*, enfiou-o, poz-lhe por fóra *fragil*, e despachou-o como mercadoria, para o Rio de Janeiro. Nem se quer o póz no seguro!

E aqui estamos nós, cheios de desgosto, roídos pela mágoa, tristes como um artigo do *Diario do Rio*, tendo por unico refrigerio, á dór que nos punge por não ver o *Tour du monde*, este peripathetico consolo:

— Perdeu-se o caixão!

Ah! se o S. Pedro perden, o Alcazar, com certeza, achou alguma cousa. Compensações! O publico tem enchido a sala e tem reinado ali uma grande animação.

— Porque? perguntará o leitor.

Não sabemos ao certo, mas neste caso, como em todos os outros, applicaremos sempre o aphorismo juridico: *cherchez la femme*. O Alcazar com certeza achou-a. Dizendos mesmo que é Mme. Lafoureade.

No crime, como no heroismo, como no theatro, a mulher está sempre no fundo de todas as questões.

Devemos ao nosso amigo e collega Arthur de Azevedo uma fineza que não sabemos como agradecer-lhe. A uma ligeira observação que lhe fizera o *Mosquito* sobre a inconveniencia de uma phrase do *Abel Helena*, respondeu cortado-a da peça.

Na hypothese de terem sido justas as nossas palavras, o acto praticado pelo Sr. Arthur de Azevedo honra-o. Mostra que, como autor, procura obedecer aos preccitos da critica, e a nossa se não era esclarecida, era ao menos, sincera.

U. PONTO.

## Zig-Zags

Se não morremos de amores pelo Sr. Ferreira Vianna, o mystico, não podemos deixar de applaudir com todo o enthusiasmo o Sr. Ferreira Vianna, o philosopho.

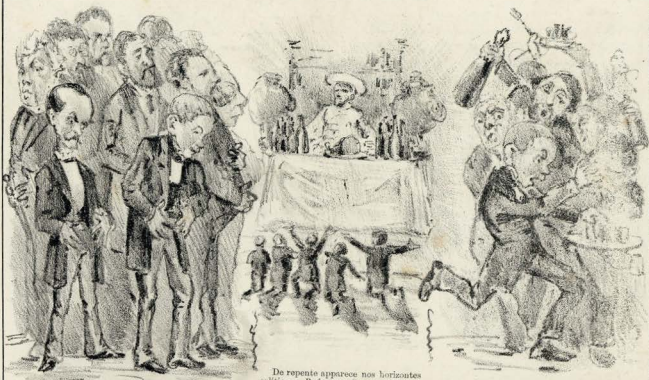
Esta segunda parte de Sua Excellencia, a que o publico illustrado poderia chamar: a sua cara metade, acaba de dar uma lição ás phrases benacas de dous ex-ministros. Achamos tão eloquente a sua réplica que não resistimos ao desejo de a transcrever:

"..... o que caracteriza o governo absoluto, como o de Luiz XIV, e n'elle se personifica, é o direito de dispôr da



Tudo por ellas.

## O Bufete da Camara dos Deputados



Ministros e deputados sentiam-se fracos e mal podiam fallar por terem a barriga a dar volta (tal e qual como os professores publicos.)

De repente apparece nos horizontes politicos o Bufete, a milagrosa empantouha de canario, talvez precursora de brilhantes rasgos de eloquencia.

Cheios do mais santo amor da caça politica, lançam-se ferozes sobre as empadas esperando encontrar-lhes no fundo um pedaco de wisky ou de galinha que os restaurasse.



mas oh minha—se antes não fallavam por causa do estomago vazio agora ainda menos por terem a bocca cheia... não de phrases, mas de ritella.—Engolem lindissimos troços com... manna de tomate.—Nem assim!! que esperanza para os direitos do povo! não ha bufete entre os desequilixes.

Bem sei eu quem se hade regular... hade comer... hade rir... e hade fallar muito. Oê. Quem sabe se o bufete será por causa d'elle!

Estes conservadores sempre são uns seductores!!

fazenda, não dos contribuintes, mas dos vassallos, e reduzi-la a objecto de pompa e de caprichosa ostentação.

O SR. CESARIO ALVIM : — E' o que se está dando.

O SR. FERREIRA VIANNA : — Aquelles encouraçados, um dos quaes ainda está nas aguas do Tamisa, e outros aqui, acham-se em condições taes, que o ministerio da marinha não ousa experimental-os, para provar-lhes a solidéz e a perfeição: não foram feitos nem por voto desta camara, nem, Sr. presidente, por votação em conselho de ministros! Foram decretados pelo invisível !

VOZES DA OPPOSIÇÃO : — Muito bem !

O SR. CESARIO ALVIM : — Não precisa dizer mais nada!

OS SRS. DUARTE DE AZEVEDO E COSTA PEREIRA:—Não é exacto.

VOZES DA OPPOSIÇÃO : — Oh ! se é.

O SR. PEREIRA DA SILVA : — O responsavel é o ministerio.

O SR. DUARTE DE AZEVEDO : — E os ministros tomaram a responsabilidade d'esses actos.

O SR. COSTA PEREIRA : — Sem duvida; tomaram a responsabilidade ; é toda d'elles.

O SR. FERREIRA VIANNA : — Tomaram a responsabilidade.

O SR. DUARTE DE AZEVEDO : — Não ha invisível.

O SR. AFONSO CELSO : — Não só invisível, como intangível !

O SR. FERREIRA VIANNA : — Oh ! é ridiculo, ou é extremamente serio que os ministros que tem mandado fazer despesas tão consideraveis, ousem, no seio da representação nacional, tomar a responsabilidade de uma quantia enormissima e que não cooresponde á responsabilidade de ninguém. (*Apoiados da opposição*). Que responsabilidade é essa ! Responsabilidade contraria á lei, não a comprehendo e nunca hei de legitimal-a. "

Estas austeras palavras são da ordem d'aquellas, que só pôdem ter uma resposta : o silencio, a não ser que os Srs. interpellados queiram puchar pela carteira e por pr'ali alguns milhões.

Em Pernambuco, não ha ainda muito tempo, o Sr. commendador Santiago declarou que se o bispo não desse licença para o casamento de uma filha sua, com o Sr. Machado, elle, com a autoridade de pai, casaria os noivos.

Ha mezes, n'um lugar do interior, realizou-se um casamento por esse mesmo modo, não tendo as pessoas interessadas podido obter nada da igreja.

Ha apenas alguns dias deram-se mais dous factos.

Dois noivos rodeados por toda a familia e com assistencia

de uma autoridade, lavraram uma escriptura publica declarando que se casavam, e que essa escriptura valeria para todos os effeitos legaes.

Um padre do interior exigira uma avultada quantia para realisar um consorcio. Os noivos não podendo satisfizer essas imposições, dirigiram-se á igreja e na occasião da missa, antes do sacerdote lançar a benção, declararam que se casavam, e que tomavam a todos por testemunhas.

Chegado ao fim da missa o celebrante lançou a benção e os nubentes consideraram-se, com toda a razão, muito bem casados.

O que significam todos estes factos !

Que os padres são uns archanjos e que a questão religiosa está morta, como disse o Sr. José Bento.

\*

Ha um poder no Brazil, que risca os planos do governo, que lhes traça a norma, que demitte os funcionarios. e que os nomeia. Sabem como se chama? *O lapis fatidico!* Parece o titulo de alguma nova magica, mas não é, posto que talvez se podesse extrahir della uma peça de grande espectáculo para o S. Pedro.

Apezar do mysterio que rodeia *o lapis fatidico*, cremos poder afirmar que anda viajando. O peor é que mesmo de longe, elle continúa a traçar scenas phantasmagoricas... pelo telegrapho.

FRADIQUE.

## DOENÇA COMPLICADA

( CONTO )

No tempo em que as irmãs da caridade eram formosas damas cheias de abnegação e piedade, que abrigavam no seio as doces flammas do amor da humanidade, quiz a sorte que um dia, n'um terrivel duello, Arthur, um Lovelace amante e bello, caisse mal ferido á terra fria.

Grande a tribulação, prantos, soluços, hórrido alvoroço no seio da familia, que, cheia de afflicção, entorno ao leito do ferido moço passava as noites em cruel vigilia.

Quiz a sorte, porém, que o tal golpe profundo não fosse dos que veem roubar-nos ás delicias deste mundo.

Aos cuidados de um medico eminente,  
melhorava o doente;  
e, para haver maior solicitude,  
buscaram sem tardar  
uma piedosa irmã da caridade,  
cheia de força e cheia de saúde,  
que o viesse tratar;  
e aconteceu que fosse  
uma dama na flor da mocidade,  
de olhar sereno e doce.

No carinhoso rosto  
brando, moreno, a sensual viveza  
toldava-a uma nuvem de desgosto,  
uma doce tristeza,  
Do seio encantador,  
na curva immaculada,  
que divina primor!  
Assim, de madrugada,  
as ondas voluptuosas  
palpitam pelas praias arenosas.

Olhal-a era sentir o coração  
abrir-se alegremente  
em candida expansão,  
como purpura flor ao sol nascente.  
Era voar ás regiões secretas,  
aos páramos risonhos,  
onde as languidas almas dos poetas  
vão passeando os amorosos sonhos.

Á luz dos brandos olhos setinosos  
o moço melhorava;  
o bom doutor louvava os poderosos  
remédios que ao doente receitava;  
e o moço prometia  
breve ter cura ao mal que o torturava.  
Sorrindo agradecia  
á candida enfermeira,  
desvelada e louça,  
que o consolava em sua dôr primeira,  
como se fosse a mais querida irmã.

Jam as cousas nisto  
quando, caso imprevisto!  
começou o doente a piorar.

Vem o doutor á pressa,  
corre sem mais tardar;  
toma-lhe o pulso, apalpa-lhe a cabeça,  
examina-o com pausa,  
e faz mil conjecturas exquisitas,  
que passam a distancias infinitas  
da verdadeira causa.

A mãe do moço, em tristes afflições,  
faz immensas offertas valiosas  
aos santos de maiores devoções  
e ás santas milagrosas.  
Promette a Santo Antonio  
velas de cera, a esmo;  
mas nota que é o mesmo  
que promettel-as ao cruel Demonio.

E o moço a piorar;  
e a angustiada gente,

sem o poder salvar,  
chora constantemente.

E a gentil enfermeira,  
no seu fervor sem termo,  
não deixa um só instante a cabeceira  
do moribundo enfermo.

O medico consulta  
os livros da sciencia,  
e perde enfim de todo a paciencia  
livros e mestres sem respeito insulta.  
Dá ao diabo os manes dos Galenos  
e tomado de furia insana e brava  
manda sem mais nem menos  
Hypocrates á fava.

Estavam nisto. O doente tinha horas  
em que se apresentava  
com sensíveis melhoras.

O medico scismava  
em mil complicações, cousas estranhas,  
mas o que é mais que certo  
é que andava ás aranhas.  
Auscultava o doente bem de perto  
e via com horror a doença phisica  
ir descaindo na incuravel phthisica.

Mas eis que um bello dia,  
a certa hora não acostumada,  
o medico subia,  
pé ante pé, a solitaria escada.  
E, qual velha raposa experiente,  
tomado de suspeita pouco honesta,  
antes de entrar no quarto do doente,  
lança os olhos á fresta  
que se abria na porta mal fechada.

Como um velho amador  
contempla uma obra d'arte ignorada,  
um quadro de valor,  
tal o medico ansioso e pensativo  
crava o seu longo olhar  
n'um bello quadro vivo,  
que o seu lapis não ousa desenhâr.

O que vira não sei: mas no outro dia,  
logo ao amanhecer,  
a irritada familia despedia  
a gentil enfermeira  
que tão bondosa parecia ser.  
Em seu lugar uma matrona idosa,  
gorda, pesada, flaccida, oleosa,  
do pobre moço á beira,  
contava historias de morrer de tedio.

O caso é que o doutor,  
sabendo os lances a que obriga o amor,  
vira a doença e dera-lhe remedio,

E' isto a mocidade!

E tu, caro leitor, leitor sisudo,  
tu que amas os filhos sobre tudo,  
tira do conto a sã moralidade.

JULIO VERIM.



O Mosquito toma a liberdade de se metter na pelle do seu collega Figaro, para cantar a aria do Barbeiro. Figaro é — Figaro lá — Bilhares qui — bilhares lá, primos bilhares — do la città, para permas di qualità. Fines, elegantes, polidos, proprios para os Srs. deputados ajudarem a digestão dos seus discursos e dos naujaros com que waxizam agora as amarguras da vida publica.

Estão tão bonitos que todos sentem mais desejo de ser tacos do que toques ou toques. Nós por exemplo, desejaríamos metamorphosarmos em tacos só para começar a taccada a muitas bolas que conbecemo.